





DIXU

# Zero a Zero: 15 poemas contra o genocídio da população negra

EDIÇÕES ME PARIÓ REVOLUÇÃO



2ª Edição  
São Paulo  
2018





# zero a zero

15 poemas contra o  
genocídio da  
população negra

DIXU



Capa - Sandrinha Alberti

Ilustração - Dinha e Driely Gomes

Projeto gráfico - Sandrinha Alberti

Revisão - Dinha

Concepção Editorial: Celinha Reis, Dinha, Driely Gomes, Fabi Luz, Glauca Dantas, Laniela Feitosa, Lindalva Feitosa, Nanda Mithie, Sandrinha Alberti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Mota, Maria Nilda de Carvalho (Dinha)

Zero a Zero 15 poemas contra o genocídio da população negra -

Mota, Maria Nilda de Carvalho (Dinha) - São Paulo: Edições Me Parió Revolução

ISBN 978-85-68318\_\_\_\_\_

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Literatura Brasileira 3. Literatura Periférica 4. Literatura Negra  
81 p.

2ª Edição: SP, JANEIRO, 2018

1ª Impressão

---

### **Edições Me Parió Revolução**

Rua Memorial de Aires, 539 - Jardim São Savério - São Paulo - SP

<https://www.mepario.com/>

<https://www.facebook.com/mepario/>

<https://nucleopodererevolucao.wordpress.com/edicoes-me-pario-revolucao/>

Todos os direitos não são reservados. Liberada a reprodução ou transmissão parcial ou total deste livro, através de quaisquer meios, lembre sempre de citar a fonte.



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Tecendo a luta e a lira - -----   | 09 |
| Amor - -----  | 17 |
| Poema de amor tão gago para as mulheres<br>que perderam seus amarildos - -----            | 18 |
| Resgate -----   | 22 |
| No último dia com o Riva - -----  | 24 |
| Três lições de casa - -----   | 26 |
| Teresa (construído com: Cidinha da Silva, Fa-<br>biana Hack, Jack Romio e Olivia Couto) - | 35 |
| Quadrinhas nem tanto assim - -----  | 43 |
| Poema pouco poema - -----   | 45 |
| Notícia de Israel - -----   | 49 |
| Soldado Sebastião - -----   | 57 |
| Passageiro Inadequado - -----   | 61 |
| Contratado - -----  | 65 |
| Zumbis - -----  | 67 |
| Zero a Zero - -----   | 71 |
| Aprendizes - -----  | 75 |
| Aquele soco bem dado - -----  | 79 |





## Tecendo a luta e a lira: Vida e morte na poesia de Dinha

*Mariana Santos de Assis*  
Mestra em Linguística Aplicada

Na atual conjuntura, cada dia mais me convenço de que o amor é a única alternativa para o povo preto escapar da morte ou, parafraseando as belas palavras de Dinha: *o amor tece a única teia capaz de amortecer a morte*. Com apenas oito palavras, incluindo o título, Dinha consegue sintetizar a importância do sentimento mais político e mais representativo do que entendemos por humanização, sobretudo para o povo negro.

O poema que inaugura o livro “Zero a zero: quinze poemas contra o genocídio da população negra” nos coloca bem no centro do círculo vicioso de amor/ódio, vida/morte que marca a história do povo preto no Brasil. Por meio de um belíssimo jogo com as palavras “amor”, “tecer” e “morte”, colocando-as para transitar livres pelo texto, fundindo-as ou separando-as, de modo a expandir o pequeno espaço ocupado no papel para um infinito de sentidos em nossos corações e mentes, nos faz



girar e sentir a intensidade de tudo que virá.

Os poemas são repletos de imagens que desnudam a crueldade do genocídio da população negra. Porém não esperem feridas abertas e sangue negro escorrendo para deleite dos abutres que buscam o exotismo da morte preta e pobre. Ao contrário, o que vemos é a imensa capacidade de um povo, cuja humanidade é constantemente atacada e questionada, para se reconstruir e ressignificar a própria dor, bem como uma síntese do que é ou deveria ser a militância preta.

Nossa luta não se dá somente nas trincheira, no embate direto, corpo a corpo, mas principalmente, a partir de um longo, doloroso e poético processo de resistência, sobrevivência, criação e recriação de nossa humanidade, sobretudo por meio da (re)invenção do amor e da família preta. É no seio dessa família que a luta se mantém e se fortalece a cada novo Ricardo, Rivaldo, Jefferson... anal *“nas barrigas das meninas/ inda o sol ainda/ brilha – rancoroso carnaval”* (p. 08).

Dinha nos mostra que as mulheres pretas conseguiram atribuir novos sentidos à maternidade, ao lugar social e político das mulheres na sociedade e até mesmo à luta das mulheres



contra o machismo que, no nosso caso, adquire cores mais cruéis e devastadoras. Nesse contexto, a maternidade, mais que um ato de amor, passa a ser a ação mais revolucionária e ameaçadora para o projeto racista de genocídio físico, emocional e epistemológico do negro. As mulheres negras, nossa primeira morada – como diria meu babalorixá – representam o ventre que gera e unica a família preta, criando e recriando a sua própria história, ao mesmo tempo que mantêm viva a dos seus irmãos e irmãs devorados até os ossos pelo Estado racista, combatendo o ódio com o amor, enquanto

*De olho, o cachorro gordo percebe nas barrigasda família pequenas rev oluções repondo a morte com vida. Repondo Ricardo a Ricardo Rivaldo a Rivaldo dobrando os soldado perpetuando a ira e a lira ( p. 30 - 31 )*

Enfim, é na barriga das mulheres pretas que a luta e o amor se renovam a cada novo soldado. Mas esse amor também tece a morte, pois gera mais alvos, mais mortes, mais dor. A poetisa segue delineando esse belo e terrível quadro lírico-político, com pinceladas fortes e ousadas,



usando analogias e imagens compostas por uma linguagem marcada pela variedade periférica, com referências à chamada cultura de massa e abusando, com extrema maestria, do que há de melhor na poesia moderna.

A autora vai buscar a beleza sob os escombros de um povo devastado. A esperança, por exemplo, vem da morte, pois os meninos mortos não apenas renascem a cada novo filho gerado por um ventre negro, a cada família preta que se expande, Dinha declara que nossos pequenos não serão repasto para as aves de rapina do capital, ao contrário

*[...] os meninos todos mortos não estão mortos semeados [...] De claro. De hoje em diante vai ser assim: nos meus versos não mais mortos somente hortas e jardins.” (p. 16)*

Porém, dessa semeadura surgirá mais que flores, mais que a beleza calma e pacífica esperada pelo opressor. Em uma belíssima e ousada brincadeira com o nome do herói negro Zumbi e a figura mítica, adorada na ficção hollywoodiana, do morto-vivo devorador de cérebros, Dinha nos mostra, finalmente, o confronto direto e denitivo, a revolução negra,



liderada por nossos meninos, aqueles mesmos que foram mortos e

*“[...] de vida mente detidos, de vida mente linchados, de vida mente joga dos na vala comum da nossa par alisia; [ ... ] desse chão se erguer á uma orda de zumbis. E vai ser um corre corre doido. Eles vão comer teu cérebro. Não haverá nenhum remédio, filósofo ou prefeito capaz de deter seu rolê. E aí, nesse mundo virado, onde a flor que se cheira não abre com medo de também ser (morta bem morta), a hora terá chegado. E o reino de Palmares será enfim restaurado.” (p. 29)*

Nesse embate, novamente as mulheres negras surgem como o pilar da nossa revolução. Ao assumir a responsabilidade de manter viva a família preta, financeira e emocionalmente, desde o pós-abolição, essas mulheres contituíram-se como fortalezas que protegem os seus e atacam os inimigos. Provando, a cada demonstração de força e resistência, que os ataques do racismo não foram capazes de minar nossa capacidade de lutar, tampouco de amar.





“Aceite em troca o meu suor  
por todo o sangue derramado.  
A história d@s negr@s  
a página do livro que foi rasgada.

Enterrei minha armadura  
indignações germinaram.  
Viemos de diferentes navios,  
mas hoje estamos no mesmo barco”

*A Banca dos Loucos*





**amor**

**teça  
sua teia  
e amorteça  
a morte.**



## Poema de amor tão gago para as mulheres que perderam seus amarildos

Seu sonho era nunca  
ultrapassar  
essa linha de chegada. embora  
não pudesse passar sua vez  
adiante.

Quisera que sua vez nunca  
que nunca  
que nunca

chegasse.  
ainda dispensava  
ofertas e pedidos.

Pois,  
na linhagem dos maridos  
cada qual deixou seu rastro

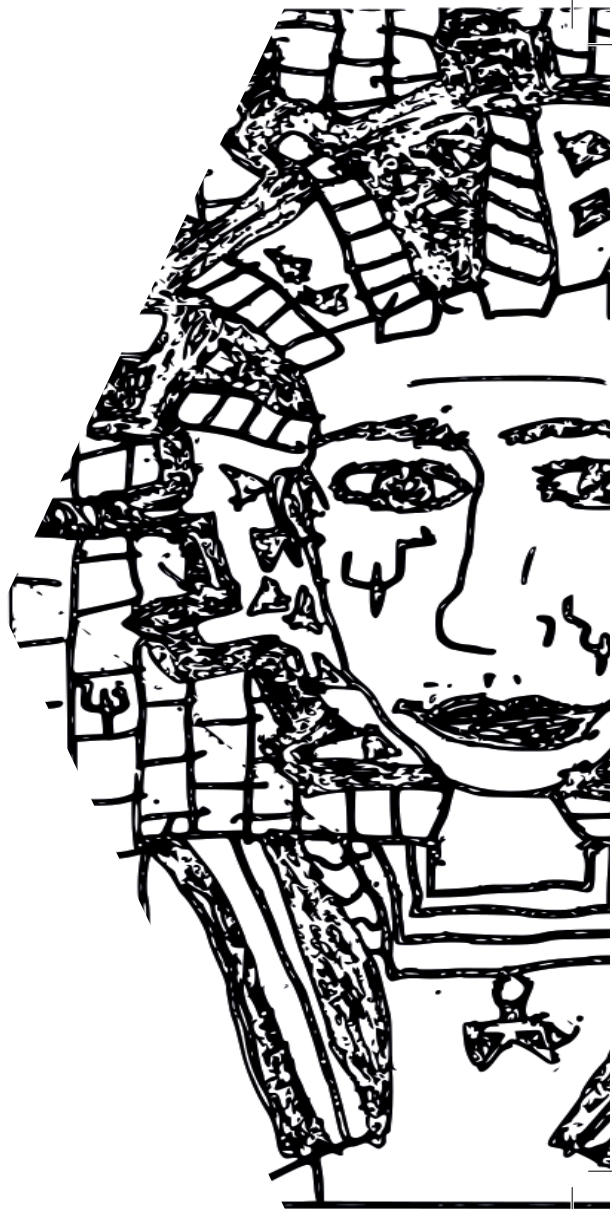


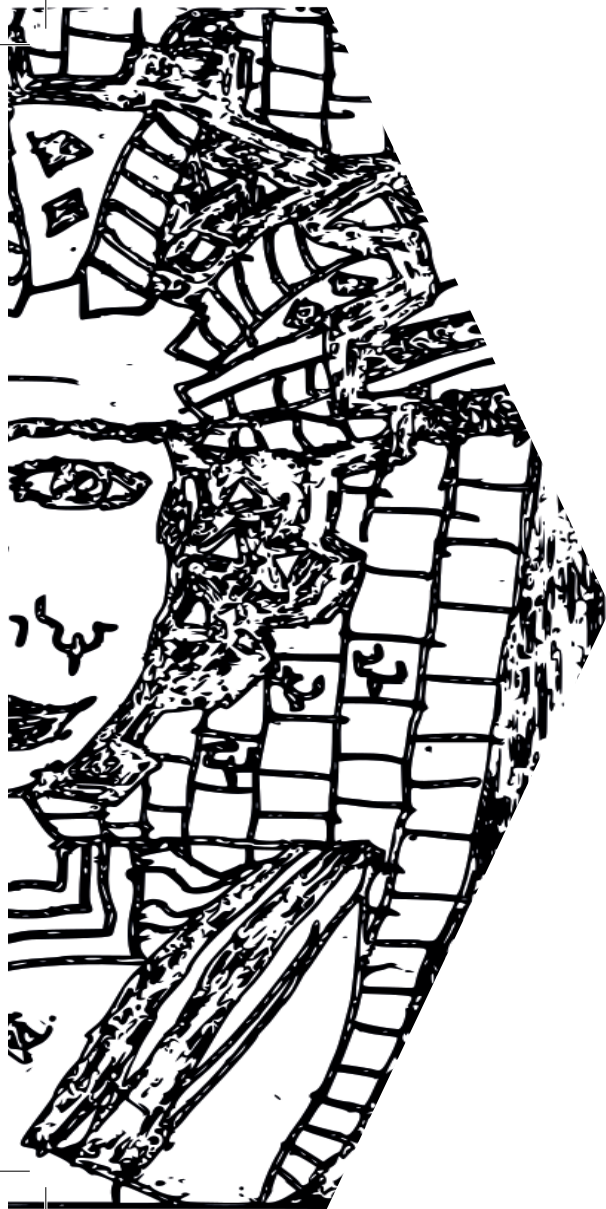
de pólvora  
de angústia  
pele murcha  
corpo pescado em anzol.  
cada qual deixou seu luto  
baque brusco  
na terra e no sal.

Mas  
nas barrigas das meninas  
inda o sol ainda  
brilha - rancoroso carnaval.

Por trás dessas nuvens  
uma dúzia de manhãs  
planejam se levantar.

É se a noite é só silêncio  
o corpo sem luz sabe o som  
que amarelado sou sou.  
amarelado sou eu.  
sou eu, amarelado,  
meu amor.







## Resgate

De golpe em golpe  
Recebe de volta a mulher  
Muito forte  
Que cobra resgate de seus próprios  
Sonhos sequestrados pela quadrilha.  
O bonde do código de barras  
Que a tudo classifica:  
NEGRO MULHER CRIANÇA FAMÍLIA.

De corte em corte  
Recebe de volta o tecido  
Raro do tapete mágico  
Transporte inquebrantável da  
poesia.

De tombo em tombo



Nasce a mulher e o incômodo  
o punho cerrado e o desejo

De continuar  
Prolifera a palavra e o silêncio  
Cede lugar  
Ao cacto

Espinhento abusado  
Potente de flores e frutos  
Doces vermelhos e ousados.



## No último dia com o Riva

No último dia com o Riva,  
todas as mães  
eram do Riva. Todas as avós  
eram do Riva. Todas as primas  
eram do Riva.

É mais namoradas  
esposas  
irmãs  
eram todas  
do Riva.

Os sorrisos eram do Riva  
os amigos eram do Riva  
os irmãos eram do Riva  
a saudade



era do Riva. Só as lágrimas  
não eram. Eram

nossas.



## Três lições de casa

### Lição primeira: como nomear seu bebê

Era o primeiro neto  
Destinado a ser mais velho  
De uma linhagem de uns trinta.  
A mãe resolvera chamá-lo  
Aristides Ricardo  
Nome imponente de filósofo  
E rei - unidos numa nova  
Personalidade.  
Era o ano de mil  
Novecentos e noventa e dois  
Explodia nas rádios uma música  
De uma alegria patética:  
"Biluzinho teteia".



É o menino era tao gutiguti ti fofula  
nenê gluglu  
Que o imponente Aristides  
Ficou apenas

Bilu.

Lição segunda: como lidar com o  
FIM do mundo

Era o ano de mil  
novecentos e noventa e nove.

Pairava no ar uma angústia  
dizia-se que o mundo

ia se acabar.  
No ano seguinte o menino  
começaria a ir à escola.  
Que ele queria ser padre.



Só que, de vez em quando,  
se via nele uns gestos

de inquietação profunda:  
Era um engolir em seco

um pescoço que se retorcia duro  
as pernas que se balançavam muito.

Angústia menina e calada.  
Que foi, Bilu? Não quero

Ir para a escola.  
Mas a escola é legal

você vai aprender muita coisa  
e pérolas e diamantes

os segredos mais profundos  
saíam da minha boca





viajavam sete mares  
dormiam em tantos castelos  
planetas e povos distantes  
mas não entravam em suas orelhas.  
É aquela carga rara  
esse mundo que se abria  
mais pesava nos seus ombros.  
Aristides resistia.  
Contei sobre o mundo todo  
que se escondia embaixo  
das letras no subterrâneo  
das confusas linhas dos livros.  
Falei-lhe de amigos novos  
e das chaves que estariam  
à sua disposição na vida.



Ele olhou bem nos meus olhos

eu via

a angústia - sapo gordo

dançando na sua língua.

O menino engoliu com cuidado

antes de gritar aos prantos

a sua sentença única:

Mas eu não sei LEEEEEEEEEEER!!!!

Eu ri.

Mas chorei junto.

Lição terceira: como ressuscitar

seus meninos

Era o ano de dois mil

e seis.

Aristides Ricardo Bilu



Não virara padre.  
Aristides Ricardo  
não virara filósofo.

Aristides Ricardo ganhara  
uma certidão de óbito  
com seu nome impresso em caixa alta.

Um dia, me contara com tristeza  
que “o tempo passa devagar na escola”  
e isso lhe destruiu

e o ABC que aprendera. Aprendera  
com a vida. Lição de morte,  
com a polícia. Pássaro que voa

de noite e de dia.  
Aristides Ricardo Bilu  
virou símbolo na família  
do garoto que queríamos



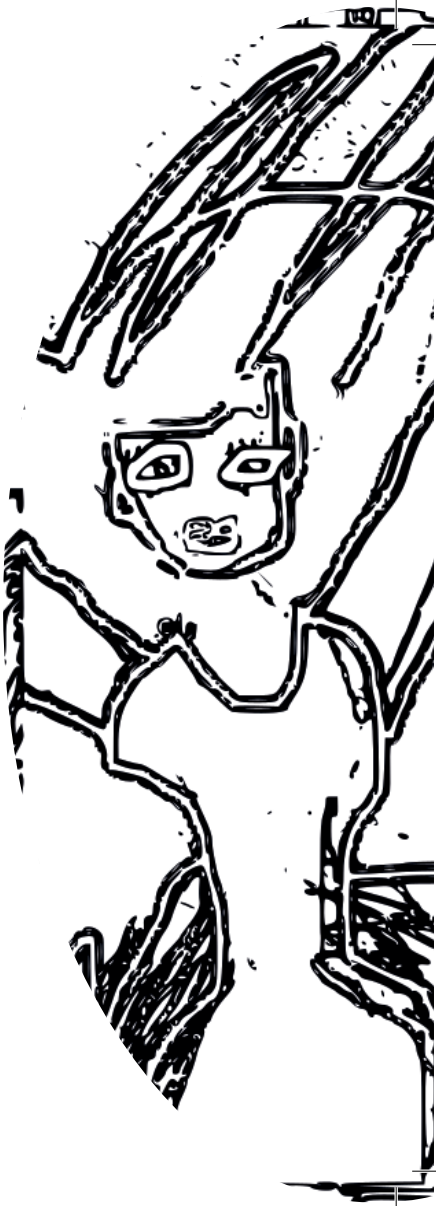
e nenhum de nós podia  
ajudar.

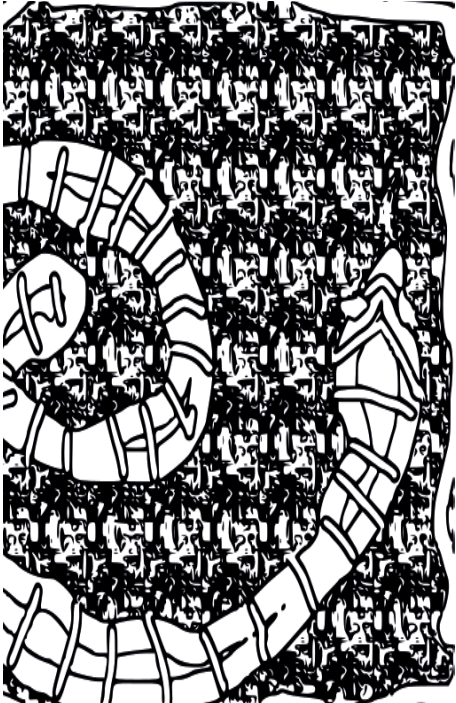
Aristides Ricardo Bilu  
de filósofo rei gutiguti  
virou símbolo da luta

que ainda temos por fazer  
pra tornar nossas escolas  
espaços de vida, não morte

espaços de encanto  
não cortes  
onde o sonho, não a sorte

prolonguem as vidas  
e perpetuem as memórias  
dos nossos.







## Teresa

(construído com a colaboração de  
Cidinha da Silva, Fabiane Mack, Jack  
Romio e Olívia Couto)

“no dia da visita você diz  
eu vou mandar cigarro  
pros maluco lá no x”

*A fórmula mágica da paz*  
*Racionais MCs*

### I

Discursos de Teresa  
eu acho

q se os poemas forem chatos  
ninguém mais nem vai me ler.

Penso

em criar outra estratégia  
preencher outros espaços.  
Eufemismo. Pleonasma.



Assim  
nu q depender de mim  
ninguém mais é espancado  
mutilado  
assassinado  
amarrado  
ao poste  
ou jogado  
no esgoto,  
no poço,  
no fundo  
do barraco.



No que depender de mim,  
Aristides já é padre  
e os demais são homens feitos.  
Trabalham e continuam  
a construir nosso país.





No que depender de mim  
meus versos antigos serão mudados  
e os meninos todos mortos  
não estão mortos,  
semeados.

Dependendo dos meus versos  
as mulheres serão fêmeas-soberanas  
seus prazeres, sua força,  
delicadeza de cachos,  
hão de caminhar bem longe  
do padrão da série macho.

E as mulheres e homens negros  
deixarão de ser capachos  
da branquitude madeira de lei.

Declaro.  
De hoje em diante vai ser assim:



nos meus versos não mais mortos  
somente hortas  
e jardins.

## II

Teresa não era a chave  
era o elo.  
Deslizando no seu corpo  
a gente se renascia  
ela era portadora de segredos  
que só quem estivesse  
entre a morte e vida  
- os presos -  
reconhecia

## III

No dia da visita eu levava





um jumbo  
magro  
e os ares  
de uma noite mal dormida  
por acaso eu tinha uns cigarros.

Não fumava,  
mas vendia.

IV

Dentre  
todos  
os  
presentes  
só  
eu  
passava  
pela



janela.  
Nas  
noites  
de  
teste  
eu  
descia  
sem  
lua,  
sem  
luzes,  
sem  
espera.  
A  
meta  
era  
alc-  
ançar  
e





quem  
sabe  
ultra-  
passar  
alguns  
palmos  
na  
terra

.

V

É verdade, eu penso mesmo  
preencher outros espaços.  
Fazer do sonho  
um prato raso  
capaz de transbordar ao mínimo  
sinal de poesia.





## Quadrinhas nem tanto assim

Nem sempre o soluço  
Limpa o leite e traz de volta o mel.  
O vômito, geralmente,  
cumpre bem esse papel.

Nem sempre o cachorro manso  
Adota o dono e o pretinho dele.  
Geralmente é o cão de guarda  
Quem os escolhe, morde  
E senta a porrada mesmo.

Nem sempre é a madrugada  
A primeira a trazer medo.  
Geralmente é o contrário  
A luz do dia, sombra vesga,  
Revela melhor os espelhos.





## Poema pouco poema

**para o pobre rapaz que foi roubado três vezes e assim justifica o seu racismo**

“Sem máscara ele até que não era tão estranho. Parecia gente. Parecia com tanta gente. Com toda a população do Brasil, esse país que também usa uma máscara de plástico para disfarçar a cara de pau que lhe permite vez em quando esquecer que está aqui a maior população negra fora da África.”

*Cristiane Sobral*

**Somos negras.  
No feminino e no masculino.  
Estamos em muitos lugares.  
Na motorista do ônibus que nos  
leva e nos traz pelas veias da cidade.  
Na atendente de telemarketing.  
Na caixa de supermercado.**



Na empregada doméstica.  
Na escritora esquecida.  
Na metalurgia.  
Na dona de casa.  
No rapaz que entrega as cartas.  
Ainda que não se saiba.

No feminino e no masculino.  
Estamos em muitos lugares  
Pouco valorizados.  
Mas isso não dói em nada.  
O chato é ter que ouvir os trou-  
xas ruminando espasmos:  
Três pretos lhe roubaram.  
Logo,  
pretos são safados.  
O chato é ter que repetir feito gralha  
o que o rapaz não viu (olhos  
fixos no código de barras):



a motorista que lhe levou pra casa  
a que lhe atendeu a chamada  
a que lhe deu o troco  
a que lavou seu chão, seu choro  
os versos  
o cuidado materno.

Três pretos lhe roubaram  
e ele só viu  
o que veem os otários  
o que a telinha explica  
o racismo injetado no cérebro  
como um cavalo  
pisoteando a inteligência do pobre  
rapaz cego e roubado.





## Notícia de Israel

### I

Anteontem, em algum lugar sem passado, eu via uns rapazes negros, bonitos, pintas de rappers (entretanto dançavam as danças de roda). Tão iguais e diferentes dos que hoje morreram nas mãos da polícia. Dos que ontem mataram “os polícia”.

Era dia das mães e os tiros entraram nos meus ouvidos ao mesmo tempo em que imagens da gente toda que eu conheço e confio me passava pelos olhos e rezas - mais com o corpo que



com a lógica - me pesavam por cada um deles.

Desordenadamente.

Mas, ai, esqueci de alguns!!! e três mães acordaram sem filhos. nem dormiram - o que diz mais.

É eu não ouvi notícia em nenhum telejornal. Em casa, a recomendação: Dinha, não sai de casa, nem volta de madrugada que a polícia tá matando todo mundo.

## II

Quem começou essa briga?

Quem está brigando com quem?

“Quem é marginal?”

Quem é a lei?”.

Polícia contra bandido?



Ou fardados contra sem farda?  
Como o jogo de “solteiro e ca-  
sado”, no primeiro dia do ano?  
Bandido contra bandido.  
Israel no meio, às onze e vinte da  
noite, voltando pra casa da mãe.  
Explorado contra explorado.

### III

Me mandem matar a polícia!  
Eu vou, se isso trazer  
Israel,  
Sandro,  
Aristides,  
Luciano,  
Márcio,  
Cometa,



Buiú  
(toda a família de Elisângela)  
Edmarcos e  
Milário  
(toda os mortos dos CEDECAS)  
de volta.

Me mandem matar os bandidos!  
Eu vou, se me deixarem  
matar todos os homens-blinda-  
dos-que-cagam-ouro-na-minha-fo-  
me-e-na-fome-da-minha-família.

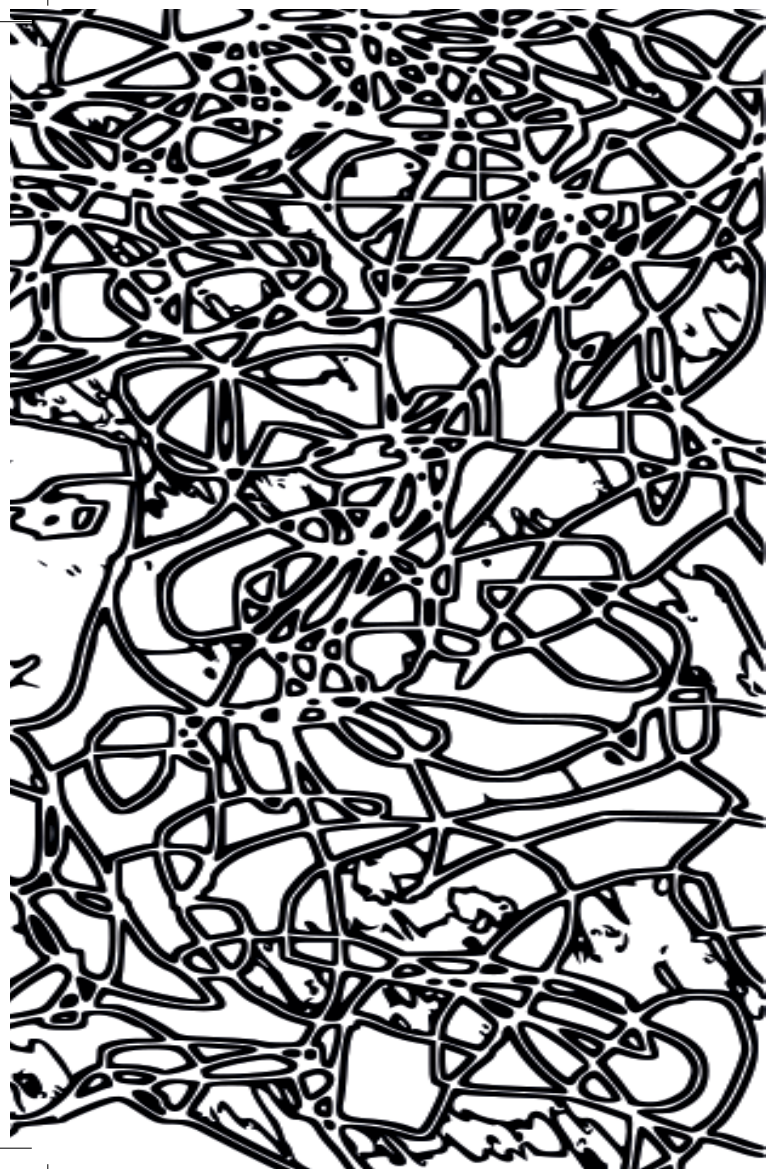
Eu mataria capitães do mato  
Se eles não fossem de fato  
Tão vítimas como são vítimas:  
Os policiais fardados,  
Os meninos sem camisa,  
A mulher de volta pra casa,



Israel, no colo da mãe.

O fuzil de minha palavra  
Precisa estar voltado  
Pra verdadeira revolução.









## Soldado Sebastião

É tarde, muito tarde.  
Na boca da noite  
madrugada come  
solta  
seu guisado de formiga e de farinha.  
Soldado Tião tem as chaves  
e lidera sua tropa sem elite.

Soldado Tião e seu molho de chaves  
Soldado Tião e seu quepe e uniforme  
Soldado Tião e ainda mais seu revólver.

- Desce o beco não, Tião.  
Zé Povo tilinta na entrada.  
- Quem mora aqui é teu pai,  
tua mãe, tua prole e o teu co-  
leguinha de escola



e tua tia e teus irmão.

- Desce o beco não, Tião.  
Outra voz ameaça e implora:  
- Teus sobrinho tão dormindo  
tuas tias já fizeram  
o café. Teu tio Zé  
já saiu pra trabalhar  
e as irmãzinha tudo em casa  
da patroa,  
limpando o mundo  
lavando a roupa  
suja  
preparando os melhores  
almoços.

Mas Sebastião não sabe  
que a noite se põe toda tarde  
só pro nosso povo sonhar





e que às vezes é pesadelo  
o tiro no espelho  
acerta é o seu peito  
perfura o silêncio  
e acorda a manhã.

Mas ele não escutou.

É então desceu o beco  
no fundo mais fundo sem jeito  
para nunca mais voltar  
Ficou lá estatelado  
na porta da frente do barraco  
do desesperado  
irmão com a arma e as chaves na mão.

- Desce o beco não, Tião.





## Passageiro inadequado

( Para o vovô que a todo custo tenta-  
va chegar à sua casa sem endereço)

Joselito Vidal fedia  
à pinga e urina e tentava  
ingressar no metrô.

Mas o trem, você sabe, até fora  
da hora do pico  
ele é triste.  
O vovô esperava uma ajuda.

Quando enfim ele embarcou  
Joselito e sua bengalinha  
provocou um sacode e empurra  
e levanta e segura que o vovô  
se calhar vai cair.



Não calhou.

Joselito vovô  
desceu no Paraíso.  
Ele e sua muleta.

Com sorte, ainda hoje ele chega  
na Barra Funda.









## Contratado

Ganhava vinte conto o dia.  
O sol no globo  
A chuva na moringa.

Dava pro café.  
Dava pra Coxinha.  
Leite-moça, pão, farinha.  
Daria pra motocicleta  
Um dia.

Avozinha na janela  
Cuidava de sua vida.  
Ganhava 70 reais  
o dia de faxina.

É a gente sonhava ser  
entregador de pizza.





## Zumbis

Quando todos os meninos estiverem como insetos nas propagandas do pesticida “que mata bem morto e protege sua família”;  
quando todos estiverem devidamente detidos, devidamente linchados, devidamente jogados na vala comum da nossa paralisia;  
se levantará do chão - desse mesmo onde sucessivamente as mulheres têm parido, se multiplicando em mil pra poder suprir a falta que fizeram seus maridos, seus filhos;  
desse chão se erguerá uma horda de zumbis.

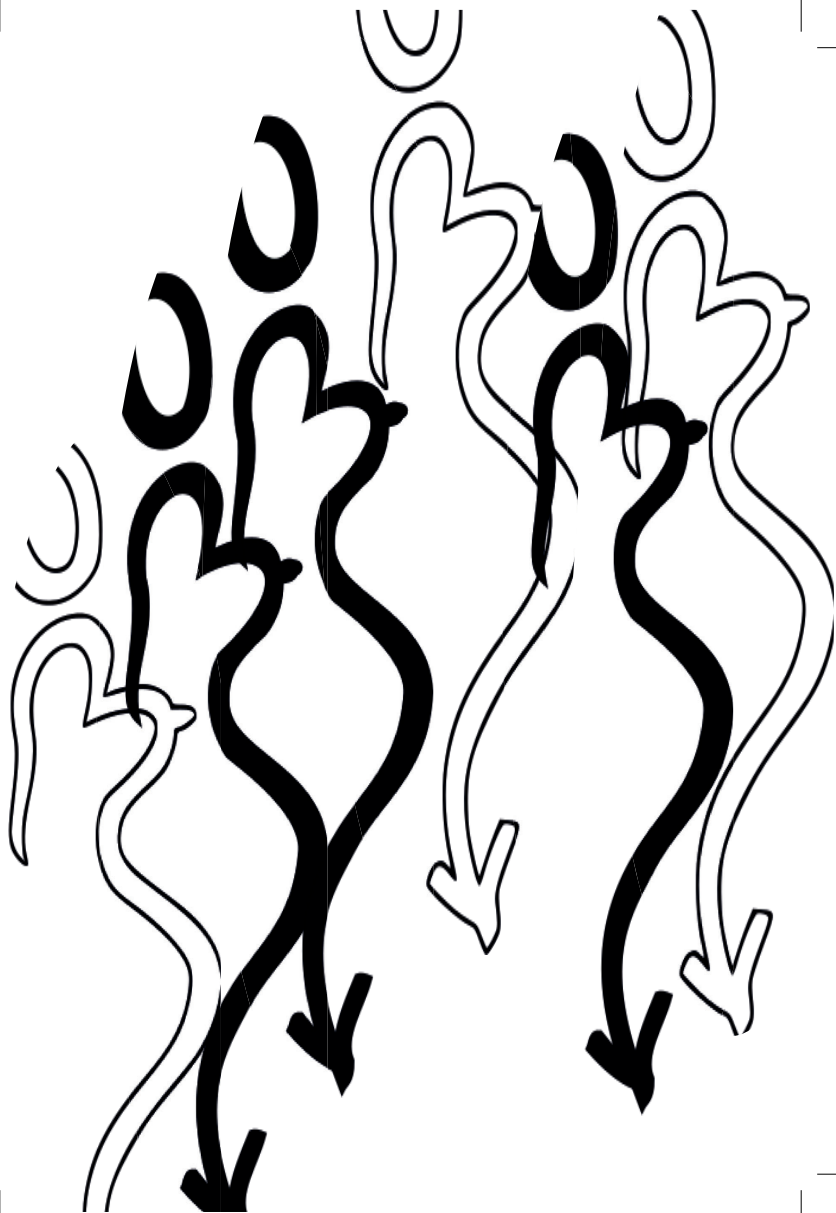


É vai ser um corre corre doido.  
Eles vão comer teu cérebro.  
Não haverá nenhum remédio,  
filósofo ou prefeito, capaz de  
deter seu rolê.

É aí, nesse mundo virado, onde  
a flor que se cheira não abre  
com medo de também ser (mor-  
ta bem morta),  
a hora terá chegado.

É o reino de Palmares será en-  
fim restaurado.









## Zero a Zero

“Mas  
nas barrigas das meninas  
inda o sol ainda  
brilha - rancoroso carnaval.”

Nossas mães criam seus filhos  
para serem meninos  
e fortes.  
Entretanto o consumo  
entretanto o Estado  
cão magro -  
roem seus ossos tão fundo  
que até o descanso, o último  
tem que ser autorizado.

O Estado roeu  
Rivaldo  
Jefferson



Ricardo

e guardou outros tantos ainda.

Depois voltou pra guardar a  
casa de orelhas surpreendidas:

Nesse intervalo,

Amanda gerou

Ricardo

Angelina devolveu

Rivaldo,

salvou Jefferson no Fagner e

dobrou, por precaução,

a quantidade de Lucas.

De olho, o cachorro gordo percebe

nas barrigas da família

pequenas revoluções

repondo a morte com vida.



Repondo Ricardo a Ricardo  
Rivaldo a Rivaldo  
dobrando os soldados  
perpetuando a ira  
e a lira.





## Aprendizes

Matar leões e engolir sapos-bois.  
Se frustrar se aprende  
frustrando-se.

Ao menos sabemos  
não estamos a sós nessa encrenca.  
Acrobatas do cotidiano.  
Malabaristas nas horas vagas.  
Trabalhadores e trabalhadoras.

Ainda de quebra  
tiramos o leite da pedra  
rolamos no globo da morte  
e humildemente buscamos  
o sentido verdadeiro das coisas.





Posfácio





Aquele soco bem dado...

*Cibele Verrangia Correa da Silva*  
*Doutora em Letras*

Em tempos de iminente, insistente e permanente barbárie contra nós, pretos, pardos, vermelhos, rosas choque. Em tempos que o ódio dilacera corpos, inquieta almas, estrangula o choro, fortalece a luta e reza fissuras. Em tempos que a carne é fria, o sangue jorra, o coração grita e a mente frita. Em tempos de Marés dilaceradas e tantas tantas tantas Marieles executadas. Um soco, navalhando o estômago fascista da sociedade baixaria, é dado, empunhado, levantado, exaltado como processo e possibilidade (a única) de saída e des(continuação), eis ele aqui.

Zero a Zero, empatando aquele jogo cruel sem gols, varzeado no campinho de terra, dos moleques descalços, das bolas de meia, papel ou imaginária, de camisa



do Messi e Neymar, conta nossa triste realidade de abandono e sacrifício nos estádios inacabados da Fifa para uma copa amargada em vermelho e alfineta o sistema que oprime e assassina nossos meninos e meninas que ousam ainda terem fantasias de futebol.

Em 15 poemas contra o genocídio da população negra temos um levantar de vozes que berram por justiça e clamam visibilidade para nós, os ainda chamados de matáveis. Cada verso derramado como leite e sangue, tem a viscosidade das lágrimas das mães sentadas em cadeiras de plástico a espera do beijo suado daquele seu/sua rebentx que chega cansadx do trabalho, mas sorridente com dentes arruinados desejoso da sopa quentinha de carne moída e sonhos.

Como um canto doado ao pé de cada rum, rumpi e lé, como o abará e caruru ofertados, como um dado xirê bem rodado, Dinha e suas parças, comparsas da resistência, evocam a ancestralidade





para serem porta-vozes, levante, bandeira, erguendo oceanos, vasculhando manguezais, cortando as matas virgens, emanando raios e tempestades, jorrando nascentes em cataratas, abrindo o órun, para remexer o àiyé e denunciar sim injustiças, crueldades, toda essa velha nova máquina de escravizar e punir gente nossa, cansada, revoltada.

Esses poemas-porrada de Zero a Zero obriga-nos a sair da passividade do “assim seja” e de “deus proverá”, para descortinar a miséria em que nossa sociedade insiste em se afirmar e junto de todo esse corpo num xinguilar, exigir nosso lugar ao sol, à lua, às estrelas, ao vento, ao léu, a todo e qualquer lugar que se queira e seja. É em cada verso nocauteando a face do racismo, vemos as possibilidades ainda de existirmos, reunindo-nos em torno de cada alma- fogueira para exterminar sim o ódio deles por nós e armarmos toda luta em prol de nosso afroamor, jorrando Marés e Marieles, aqui, sempre, presente.



## **Me Parió Revolução**

Em 2013 nasce mais uma personagem na cena cultural e política da cidade de São Paulo, é a Me Parió Revolução, o selo editorial da Rede Poder e Revolução. Idealizado e executado por mulheres, o selo se propõe a editar livros “semiartesanais, bonitos de encher os olhos e a alma, mas sem esvaziar os bolsos”. A intenção é promover a leitura facilitando o acesso aos livros, e incentivando autores e autoras estreados ou não a publicarem seus textos de forma independente. O grupo pretende também disponibilizar



gratuitamente ebooks e audiolivros traduzidos para outros idiomas, e a venda dos impressos custeará, além de novas publicações, as ações do coletivo Poder e Revolução.

**Me Parió Revolução:** Literatura, Crítica, Artes, Política e algo mais.



## Títulos produzidos



### **Zero a zero: 15 poemas contra o genocídio da população negra. (Dinha)**

Trata-se de um livro de poemas que se dispõe a ser arma e escudo na luta da população negra pela sua sobrevivência, contra o seu genocídio e a favor da esperança. 1ª Edição 2015



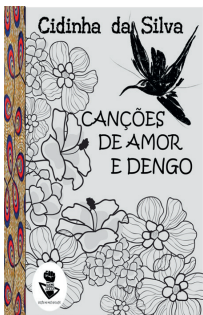
### **Onde Estaes Felicidade?**

Em homenagem ao centenário de nascimento de *Carolina Maria de Jesus*, reúne textos originais e manuscritos de Carolina Maria de Jesus e mais sete ensaios sobre sua obra.



## **Desumanização na literatura**

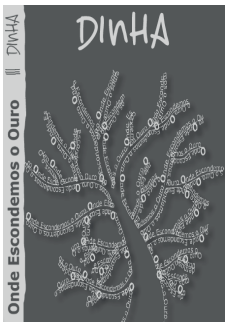
Organizado por Fernanda Massi e Patrícia T. Nakagome, esse livro reúne seis ensaios sobre diferentes processos de desumanização nos mais diversos objetos literários.



## **Canções de Amor e Dengo**

Primeiro livro de poemas da cronista.

*Cidinha da Silva*



## Onde Escondemos o Ouro

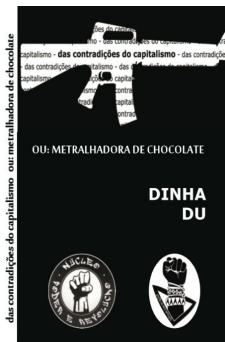
Divide-se em 3 pequenos livros. O primeiro, chamado "O guardião". O livro 2, chamado "O ouro" ou "A lista dos 100" e "Bichos" - *Dinha*



## De Zacimbas a Suelys

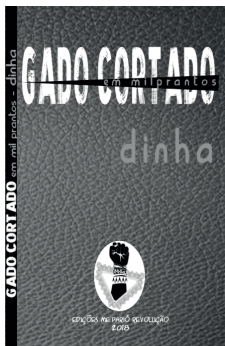
Coletânea Afro-Tons de Expressões artísticas de mulheres negras do Espírito Santo.

*Afro-Tons*



## Das Contradições do Capitalismo: ou Metralhadora de Chocolate.

Livro de ensaios e crônicas - Compilação de textos divulgados no blog - Salve Favela - Pretendemos que este blog seja mais uma ferramenta de formação política - a se somar às ações práticas, não virtuais. - *Dinha e Du*



## Gado Cortado em Milprantos

Dinha convida sua infância e a nossa para se olharem no centro da cena, depois chama a fome, a dor, o frio e o avesso do avesso para a gente entender.





Apoio:



Impresso Lá em Casa, São Paulo, em papel 90g/m<sup>2</sup>



